

cadernos

IHU

ideias

# O que o câncer faz com as pessoas?

## Reflexos na literatura universal

Leo Tolstói – Thomas Mann –  
Alexander Soljenítsin – Philip Roth

Karl-Josef Kuschel



Os *Cadernos IHU ideias* apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.



cadernos **IHU** ideias

## **O que o câncer faz com as pessoas?**

**Reflexos na literatura universal**

**Leo Tolstói – Thomas Mann –**

**Alexander Soljenítsin – Philip Roth**

Karl-Josef Kuschel

ano 8 - nº 127 - 2010 - 1679-0316

 **UNISINOS**

INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**

*Reitor*

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

*Vice-reitor*

José Ivo Follmann, SJ

**Instituto Humanitas Unisinos**

*Diretor*

Inácio Neutzling, SJ

*Gerente administrativo*

Jacinto Aloisio Schneider

**Cadernos IHU ideias**

Ano 8 – Nº 127 – 2010

ISSN: 1679-0316

*Editor*

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

*Conselho editorial*

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Profa. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

*Conselho científico*

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. MS Angélica Massuquetti – Unisinos – Mestre em Economia Rural

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

*Responsável técnico*

Antonio Cesar Machado da Silva

*Revisão*

Vanessa Alves

*Secretaria*

Camila Padilha da Silva

*Editoração eletrônica*

Rafael Tarcísio Forneck

*Impressão*

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

*Instituto Humanitas Unisinos*

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

**www.ihu.unisinos.br**

# O QUE O CÂNCER FAZ COM AS PESSOAS?

## REFLEXOS NA LITERATURA UNIVERSAL

Leo Tolstoi – Thomas Mann – Alexander Soljenítsin – Philip Roth

*Karl-Josef Kuschel*

### 1 A doença – uma metáfora?

No dia 12 de outubro de 2003, a escritora americana Susan Sontag recebeu o Prêmio da Paz da Câmara Alemã do Livro. Em seu discurso de agradecimento, numa igreja de Frankfurt, proferido sob o impacto da guerra no Iraque, ela lembrou: “Gastei grande parte de minha vida desmistificando formas de pensar que polarizam e constroem oposições”<sup>1</sup>. Desmistificação! Isso também acontece no livro de Susan Sontag que foi publicado pela primeira vez há precisamente 30 anos: *Illness as Metaphor* [A doença como metáfora]. Um livro brilhante que merece ser lembrado. Ele trata de duas coisas: de um lado, conscientiza quanto a uma metaforização obsessiva que justamente uma doença como o câncer sofreu na sociedade americana da década de 1970. De outro, chama a atenção para as consequências políticas que esta metaforização acarreta.

Do ponto de vista da crítica linguística, Susan Sontag observa que o câncer, muitas vezes, é descrito na *linguagem militar*. Segundo a autora, ele é apresentado como a invasão secreta do estranho, como flagelo da humanidade, como bárbaro interior, impiedoso, irreconciliável e ávido. Os tumores não se multiplicam simplesmente, mas são “malignos”; as “defesas” do corpo não são suficientemente fortes para “desalojar”, para “destruir” um tumor. Por isso, todo tratamento tem – segundo Susan Sontag – um “sabor militar”<sup>2</sup>. Especialmente a radioterapia utiliza as metáforas da guerra aérea, onde os pacientes são “bombardeados” com raios tóxicos, visando a “matar” tumores “fora de controle”. Em suma, imagina-se o câncer como um ini-

---

1 SONTAG, Susan. Literatur ist Freiheit: Rede zur Verleihung des Friedenspreises des Deutschen Buchhandels am 12. Oktober 2003. *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 13. out. 2003.

2 SONTAG, Susan. *Illness as Metaphor* (1977). Ed. bras.: *A doença como metáfora*. Trad. de Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 83s.

migo maligno, invencível, contra o qual a sociedade trava uma guerra<sup>3</sup>. O câncer também seria “metáfora para designar o maior inimigo” da humanidade!

Sendo assim, o metaforismo do câncer fortaleceria o *pensamento dualista da sociedade que classifica as pessoas como amigos ou inimigos*. O dualismo (o câncer como inimigo maligno) projetado para o interior (para dentro do corpo) também pode ser dirigido para fora, para a sociedade, e justamente a metáfora do câncer demonstra ser um instrumento especialmente agressivo para representar todos os interesses políticos.

Trotsky chamou Stálin de câncer do marxismo. No ano passado, na China, a Gangue dos Quatro tornou-se, entre outras coisas, “o câncer da China”. John Dean explicou Watergate a Nixon: “Temos um câncer – junto à presidência – que está crescendo”. A metáfora-padrão das polêmicas árabes [...] é que Israel é “um câncer no coração do mundo árabe” ou “o câncer do Oriente Médio” [...] Aqueles que desejam exprimir indignação parecem achar difícil resistir à tendência a usar a metáfora do câncer<sup>4</sup>.

Contra esta instrumentalização política da metáfora do câncer, porém, Susan Sontag se dedica à “desmistificação”<sup>5</sup> e defende a “elucidação” e “libertação” das metáforas: “Meu ponto de vista é que a doença *não* é uma metáfora, e que a maneira mais honesta de encará-la – e a mais saudável de ficar doente – é aquela que esteja mais depurada de pensamentos metafóricos, que seja mais resistente a tais pensamentos”.

Neste ponto, apresento uma objeção. Por que – pergunto – a necessária elucidação crítico-ideológica, a necessária desmistificação precisa levar logo ao abandono das metáforas? Não existe uma diferença entre metáfora e estereótipo, entre comparação significativa e clichê barato? Não deveria existir, portanto, uma metaforização legítima – isto é, mais resistente à ideologia – de uma doença como o câncer, de modo que ela possa se tornar uma metáfora plena, esclarecedora e emancipadora? A doença como metáfora da prestação crítica de contas sobre as condições do mundo em que vivemos. É sobre isso que quero refletir no que segue.

Por que a literatura? As grandes histórias, as histórias que merecem ser lembradas, que permanecem em nós, que carregamos conosco, muitas vezes, durante uma vida toda – portanto, as histórias que a grande literatura narra – são geralmente histórias que implicam uma cesura. Lembramo-nos delas porque a ficção nos ajuda a tornarmos a nós mesmos mais sensíveis e mais

---

3 Ibid., p. 9s.

4 Ibid., p. 104.

5 Ibid., p. 7-8.

capazes de lidar com as crises. O meio literário é a forma mais intensiva de ver em que nos transformamos ao fazermos isso.

Tudo sempre começa com seguranças sendo abaladas, com o cotidiano se tornando estranho. Tudo sempre começa com a vida vivida sem questionamentos se tornando um enigma. O chão cede a nossos pés, abismos se abrem. O próprio corpo? Como ele se tornou óbvio para nós! De repente irrompe uma doença: paralisia dos membros, tumores de um câncer, falência dos órgãos. O próprio parceiro? Durante décadas se caminhou com ele ou ela pela vida. De repente se vive sem ele ou ela. Sozinho com o luto, exposto à solidão. Uma doença ou um acidente, uma comédia ou uma tragédia da vida o levou. Os próprios filhos? Não se podia imaginar a vida sem eles. De repente, falta um, porque – como se diz – o “destino” aplicou um golpe. Por que a mim, por que agora, por que desta forma? A tríade clássica das perguntas originárias irrompe.

Não é por acaso que romances-chave da literatura europeia do século 20 se passam em sanatórios, hospitais e clínicas: a *Montanha mágica* de Thomas Mann, o *Pavilhão de cancerosos* de Alexander Soljenítsin, *Homo faber* de Max Frisch, *Homem comum* de Philip Roth. Seja em um sanatório para doentes de pulmão em Davos, em um pavilhão de cancerosos na asiática Tachkent, em um hospital de Atenas ou Nova Iorque – em todos os lugares vemos o mesmo motivo: o mundo dos enfermos como reflexo de um mundo enfermo. Personagens como estes passam de uma vez para sempre pelo mundo paralelo e pelo contramundo fictício e virtual chamado literatura: os Castorps, que estão à mercê do mundo mórbido dos moribundos, para no fim eles próprios perecerem incapazes para a vida. Os Kostoglots, que derrotam o câncer, mas reconheceram como a própria sociedade já se encontra desagregada pelos abscessos cancerosos de uma ideologia mentirosa. O técnico Walter Faber, que espera, em um hospital de Atenas, uma cirurgia do estômago, e presta contas sobre sua vida, que pensava controlar, mas cujo controle lhe escapou das mãos, colocando-o diante do insondável enigma de se tornar culpado sem ter culpa. O *designer* de uma agência de publicidade, que reconhece, confrontado com a morte, que não viveu como deveria ter vivido. O mundo clínico no espelho da literatura? Um mundo intermediário entre a morte e a vida cotidiana, em que os seres humanos são confrontados uma vez mais com a pergunta sobre a verdade da vida que levaram até agora, sendo, muitas vezes, obrigados a abandonar a autoilusão e o autoengano, frequentemente desafiados a uma nova veracidade, coragem e sensibilidade.

A grande literatura advoga estas perguntas básicas. Sempre foi tarefa sua expressar a consciência das cesuras. Não para remexer nas crises, para se tornar interessante com abismos, mas para mantê-los passíveis de enfrentamento mediante a lin-

guagem e as metáforas. Por que lemos estas histórias? No modelo ficcional, nós nos exercitamos com o caso pior possível, para exorcizá-lo, para mantê-lo passível de enfrentamento. Queremos estar preparados. Quero trazer à lembrança quatro histórias de autores da literatura universal. Não me interessa a atualidade, mas a duração, histórias que não caducam tão rapidamente, textos sem prazo de validade e histórias que podem esperar. Seu potencial de sentido é tão forte que também sobrevive a tendências ao indiferentismo existentes em uma cultura. Elas conservam perguntas que podem ser recalçadas durante algum tempo em uma nação, mas que acabam retornando. Perguntas básicas como: por que justamente eu? Igualmente perguntas a respeito do sentido: para que justamente eu? Perguntas de orientação: o que permanece importante para mim em meio à embriaguez dos compromissos, na ocupação com obrigações? O que eu ainda sou quando nada mais sou? Sem cargos, sem prestígio, sem beleza, sem condições físicas? Seguros de vida – sim, mas e o sentido da vida? Felicidade parcial – certamente, mas e a totalidade?

## **2 O processo da doença como processo de conscientização: Leo Tolstoi**

*Quando* a grande literatura começa a se confrontar com o tema da doença do ser humano? *Quando* perguntas da medicina envolvendo a evolução da doença, quando processos de decadência do corpo passam a ser tematizados? E por que passam a sê-lo? O que interessa ao escritor no tema da doença? Começo com dois autores da literatura universal, contrastando um texto de Tolstoi com outro de Thomas Mann.

Leo Tolstoi [Liév Nikoláievitch Tolstóy] tinha 58 anos quando publicou, em 1886, sua história “A morte de Iván Ilitch”. Um texto-chave depois de sua grande “conversão”, uma reviravolta marcada pela crise em sua vida, que o libertou para um cristianismo radical. Ele granjeara renome com seu impressionante romance historiográfico e filosófico-histórico *Guerra e paz* (1868/69) ou com o grande romance *Ana Karenina* (1878) sobre a mulher e o casamento. Dez, 20 anos haviam se passado. Ele tinha descrito a história da Rússia e a história da classe alta russa de forma incisiva em retratos psicologicamente sensíveis e realistas. Há muito, Tolstoi era um dos gigantes do universo da literatura. Mas então aconteceu a conversão, a crise religiosa, a “confissão”. A reflexão sobre um *ethos* radical do Sermão da Montanha. A revogação de toda a vida vivida até então como uma vida eticamente superficial, mimada por privilégios. A rejeição também da literatura como um jogo meramente estético, como meio de autoencenação pública!

Mas então – felizmente – Tolstoi continuou a escrever, só que agora histórias de uma radicalidade ético-religiosa bem diferente! Com sua história sobre “Iván Ilitch”, ele colocou no centro uma doença que leva à morte, e vinculou sua forma de confrontação radical com a sociedade de sua época a esta inexorabilidade do ter-de-morrer. A história da doença passa a ser um espelho. No centro, ele colocou, não por acaso, um juiz que ocupa uma alta posição: Iván Ilitch Golóvin. Este personagem tinha vivido uma vida típica em conformidade com as normas burguesas: qualificação profissional, carreira, casamento socialmente vantajoso, educação bem-sucedida de dois filhos. Ele tinha alcançado uma posição importante no sistema judiciário. E então um câncer no estômago o arranca da vida costumeira do dia-a-dia. Nenhum médico pode ajudá-lo. Quando as dores se tornam insuportáveis, o juiz é obrigado a ficar de cama, justo ele, que fora ambicioso e bem-sucedido em sua profissão. Ele não conhece nada disso, tem medo: do fracasso, da perda, de tornar-se inútil. Depois de alguns meses, começa a morrer: “Três dias e três noites a fio ele gritou sem interrupção”<sup>6</sup>.

Mas este é justamente o interesse cognitivo de Tolstoi: que um juiz como Iván Ilitch Golóvin morra da forma como morre deve destacá-lo da massa dos concidadãos que banalizam tudo. Para estes, a morte de um homem que ainda há pouco consideravam um amigo e cortejavam como colega é completamente indiferente. Perplexidade? Luto? Dor pela perda? Nem vestígio disso! E a este indiferentismo para com um ser humano em uma sociedade presunçosa, petrificada em seus rituais, Tolstoi contrapõe a descrição minuciosa da agonia de uma pessoa. Pelo menos, em sua última fase, um indivíduo desta sociedade adquire grandeza: Golóvin. O juiz julga a si mesmo depois de ter se transformado em réu. Desta maneira, ele consegue perceber a nulidade da vida vivida até então e intuir a vida que deveria ter levado – comprometido com um *ethos* de compaixão.

Tolstoi é o primeiro escritor de importância que conscientiza seus leitores, mediante uma história sobre um doente, do caráter ilusório de uma vida exteriormente bem-sucedida, mas em realidade banal e eticamente superficial. Ele já se vale do tema da doença para expor deslumbramentos de uma determinada camada social. Já conhece, portanto, o paradoxo de grandes histórias de doença da literatura universal com que também nos depararemos no futuro: ao incremento da decadência interior corresponde um ganho em consciência na pessoa afetada. Ao crescimento destrutivo do tumor corresponde um crescimento mental em termos de veracidade sobre si mesmo. Isto não deixa de ser paradoxal: só a doença no corpo consegue abrir os olhos

---

6 TOLSTÓY, Liév Nicoláievitch. *A morte de Iván Ilitch e outras histórias*. Trad. de Tatiána Belinky. São Paulo: Paulicéia, 1991, p. 113-181.

do ser humano – e quanto mais tempo mais claramente – para o valor e a insignificância da vida que viveu até então. A história da doença se torna um espelho e, assim, uma história de esclarecimento!

### 3 Uma história de câncer como história de graça

Bem diferente é o caso de Thomas Mann, que – no que concerne ao nosso tema – já estabeleceu um marco na literatura alemã com sua obra *Montanha mágica* (1924). O universo dos moribundos no mundo intermediário entre a montanha e a planície de Davos se torna, com ele, o símbolo real de uma época enferma. Trinta anos depois da publicação da *Montanha mágica*, Thomas Mann publica, aos 78 anos, dois anos antes de morrer, sua última narrativa: “A enganada” (1953). Trata-se de uma história de câncer.

Quanto a seu pano de fundo biográfico, deve-se dizer o seguinte: em 1946, o próprio Thomas Mann superou exitosamente um câncer. Havia descoberto um carcinoma em seu pulmão. Porém, com uma decidida intervenção salvadora no Hospital Billings de Chicago, esta doença foi curada. Este foi o pressuposto para que Thomas Mann pudesse concluir o romance que considerou então o ponto alto de sua obra: *Doutor Fausto*, publicado um ano mais tarde, em 1947. Uma dádiva, uma “graça” – foi assim que ele compreendeu a conclusão desta obra. “Graça” é uma palavra religiosa originária que passaria a desempenhar um papel central na obra tardia de Thomas Mann. Não é por acaso que o *Doutor Fausto* já termina com a recomendação da Alemanha, este país então desvairado e destruído, à “graça de Deus” por parte do narrador deste romance. Não é casualidade que o romance seguinte de Thomas Mann, “O Eleito”, de 1950, seja um romance sobre um papa da Idade Média, uma obra do assombro pela escolha de um ser humano e a ironia da graça divina: o menor se torna o mais importante, e o mais rejeitado, o mais carregado de culpa é elevado à mais alta posição: à cátedra de Pedro em Roma. O tema da graça, portanto, foi uma experiência básica tanto pessoal quanto artística na obra tardia de Thomas Mann.

No dia 6 de abril de 1952, durante o café da manhã, a senhora Katja Mann falou de uma aristocrata de mais idade de Munique. Thomas Mann ficou atento para o que estava sendo dito, e registrou imediatamente a história em seu diário. Esta mulher tinha se apaixonado pelo jovem professor particular de seu filho. Miraculosamente, pelo visto “em virtude do amor”, ela ficara menstruada de novo. Ela acreditou que sua “condição de mulher” lhe fora devolvida. Então, sob a impressão desta “bênção fisiológica”, instalara-se nela uma sensação de rejuvenescimento, de ressurreição, adviera-lhe “um ânimo alegre e ousado”.

Toda melancolia, toda vergonha e toda timidez a abandonaram. Ela ousou amar e seduzir. Uma “primavera de amor”, depois que o outono “já viera”. No diário, Thomas Mann continua dizendo:

Então se constata que o sangramento era resultado de um *câncer de colo do útero* – também uma vantagem, pois o adoecimento geralmente não se faz notar. Terrível tormento! Mas será que a doença estimulou a paixão e fez crer numa ressurreição? (Em que estágio do câncer aparece esse sangramento? Uma operação ainda é viável? Morte ou suicídio por causa da mais profunda injúria causada pela natureza ou desistência e paz sepulcral)<sup>7</sup>.

Já na primeira nota, formula-se precisamente a pergunta básica que esta história coloca: o que aconteceu com esta mulher? Uma felicidade tardia, uma vida intensificada, um desabrochar de seu corpo ou um engano maligno, um arreganho demoníaco do destino, um jogo cruel da morte? Por causa deste sentido duplo, a história autêntica estimula o escritor para a criação literária.

Como era de seu feitio, Thomas Mann recolheu informações exatas sobre as questões médicas que se apresentam. Ele manteve uma correspondência com um médico para saber o que significava aquilo que aqui ainda se chamava provisoriamente de “câncer de colo do útero”: “Em que estágio do câncer aparece este sangramento? Uma operação ainda é viável?” Quando recebeu as informações médicas de caráter técnico, Thomas Mann as inseriu logo em sua narrativa. No final da história, ele fez com que o médico que tratava a doente se recusasse a operar a heroína, justificando isso em termos médicos:

Neste caso se espera um pouco demais de nossa nobre arte. Não é possível remover tudo isso. Se você crê observar que também já houve uma metástase para ambos os ureteres, sua observação está correta. Veja, eu não estou negando que o próprio útero produza o tumor. Ainda assim, lhe aconselho que aceite minha suposição de que a história tenha partido do ovário – a saber, de células granulosas não utilizadas, que, às vezes, estão aí desde o nascimento e, após o início da menopausa, sabe Deus por qual processo de estimulação, passam por uma evolução maligna. E aí o organismo – *post festum*, por assim dizer – é coberto, inundado, saturado de hormônios de estrógeno, o que acarreta a hiperplasia hormonal da mucosa do útero e sangramentos que ocorrem forçosamente<sup>8</sup>.

Mas não é a precisa reconstrução médica do “incidente” que constitui o ponto central da narrativa. Thomas Mann a escre-

7 MANN, Thomas. *Tagebücher 1951-1952*. ed. I. Jens. Frankfurt/M. 1993. p. 198s.

8 MANN, Thomas. *Die Betrogene* (1953). In: *Späte Erzählungen*. Frankfurt/M., 1981. p. 407-481, citação à p. 480.

veu por causa de uma outra percepção. Ela se contrapõe totalmente a de Tolstoi, pois Thomas Mann não escreveu seu texto para expor impiedosamente o caráter ilusório de uma vida, não para jogar a vida vivida contra a vida não vivida da respectiva pessoa. Ele a escreveu para ilustrar uma percepção básica que lhe adveio na velhice sobre a “bondade da natureza” (ele próprio a experimentara no caso de sua doença) e a graça da consumação produtiva (sua obra – quase concluída). Em suma: Thomas Mann escreveu a narrativa “A enganada” exatamente para desmentir o caráter de ilusão e engano da vida e mostrar positivamente que os seres humanos podem reafirmar de modo amoroso sua vida em toda a sua ambivalência.

No centro da história está a viúva de um oficial, de 50 anos, chamada Rosalie von Tümmler. Ela tinha dois filhos, e uma vida tranquila, socialmente respeitada, em Düsseldorf. Nada de surpreendente deveria voltar a acontecer em sua vida. Então ela se apaixonou repentinamente por um jovem americano, que passara a morar na casa dela como professor de línguas do filho. Mais ainda: vivenciou este seu amor como um arrebatamento embriagante pela natureza. Ela, que acreditava estar esgotada em sua feminilidade, voltou a experimentar de repente uma festa da fertilidade. Quando também ocorreu ainda um sangramento, viu nele uma confirmação da “força miraculosa da grande e bondosa natureza”. Um pouco mais tarde, ela fez um passeio para um parque de um castelo próximo, e ali confessou, em uma declaração apaixonada, seu amor ao jovem americano. Eles se separaram com a promessa de passar a próxima noite juntos.

Mas ainda na mesma noite Rosalie von Tümmler foi encontrada inconsciente “em seu sangue”. Depois de um exame no hospital, diagnosticou-se um tipo de câncer. A irrupção da natureza se mostrara pérfida; o suposto milagre da fertilidade se revelou um empurrão para a morte. O útero – ele próprio produzira o “tumor”. A natureza se revelara mais uma vez um demônio cruel? Rosalie von Tümmler era uma “enganada”? A filha, em todo caso, procurou deixar isso claro para a mãe em seu leito de morte. Mas Rosalie von Tümmler rejeitou essa ideia. Ela própria ofereceu, no final, uma interpretação bem diferente para sua história:

O sofrimento dela foi breve. O coma urêmico a lançou logo numa profunda inconsciência, e o coração extenuado só conseguiu resistir poucos dias a uma pneumonia dupla que tinha se desenvolvido nesse meio tempo.

Pouco antes do fim, entretanto, só algumas horas antes, seu espírito clareou novamente. Ela abriu os olhos e viu a filha sentada sobre a cama, segurando sua mão.

“Anna”, disse ela, e conseguiu se aproximar movendo seu tronco mais na direção da beira do leito, “você está me ouvindo?”

“Claro que estou ouvindo você, querida mamãe.”

“Anna, não fale de engano e de crueldade irônica da natureza. Não a menospreze, assim como eu também não. É a contragosto que vou partir – de vocês, da vida com sua primavera. Mas como haveria primavera sem a morte? Afinal, a morte é um grande recurso usado pela vida, e se para mim ela tomou a forma de ressurreição e prazer de amor, isso não foi engano, mas bondade e graça.”

Ainda um pequeno movimento para mais perto da filha, e um sussurro desvanecente:

“Eu sempre amei a natureza, e amor foi o que ela demonstrou à sua filha.”

Rosalie teve uma morte tranqüila, lamentada por todos os que a conheciam<sup>9</sup>.

Iván Ilitch Golóvin – Rosalie von Tümmmler: Tolstói escreveu uma história de doença como história de esclarecimento e desilusão. Thomas Mann escreveu uma história de doença como história de graça. Com isso se estabeleceram dois marcos na literatura europeia. Foi novamente um russo que depois, nos meados do século 20, colocaria, uma vez mais, um outro acento. Ele revalorizou o tema da doença politicamente e o tornou instrumento de sua radical crítica política ao sistema.

#### 4 Doença como diagnóstico do sistema: Alexander Soljenítsin

No dia 3 de agosto de 2008, Alexander Soljenítsin morreu em sua casa em Moscou, com quase 90 anos de idade. Morreu um “gigante literário”, comentou uma revista semanal alemã. O próprio fato de poder morrer em Moscou não era óbvio. Em 1970, lhe foi concedido o Prêmio Nobel de Literatura. O regime comunista não lhe permitiu viajar para Estocolmo, como já tinha feito antes com Boris Pasternak, que inclusive teve de recusar o Prêmio Nobel de Literatura de 1958. Em fevereiro de 1974, Soljenítsin foi preso, expulso da União Soviética e exilado para a República Federal da Alemanha. Mais tarde, ele se mudou para a Suíça, e, em 1976, para os EUA. Só 18 anos depois, em 1994, pôde voltar para sua terra natal.

Nenhum autor russo do século 20 se comprometeu de forma tão intrépida e coerente com a verdade histórica em veracidade, expondo e denunciando o sistema de opressão stalinista e devolvendo nome e rosto às vítimas do terror, o que pode ser lido sobretudo em sua imponente obra *Arquipélago Gulag*, de três volumes. Neste contexto, situa-se também seu romance *Pavilhão de cancerosos*, publicado em 1978. Ele se baseia em experiências autobiográficas. Nascido em 1918, o próprio Soljenítsin entrou, depois da Segunda Guerra Mundial, no inferno do

9 MANN, Die Betrogene, p. 481.

Gulag. Ainda como preso político, ele teve de se submeter a uma operação por causa de um câncer no intestino, que inicialmente não foi bem-sucedida. Em 1945, ele se curou fazendo uma radioterapia em Tachkent. Portanto, um autor que teve ele próprio experiência com tumores (sem que tivesse comunicado algo mais privado sobre sua doença) escreveu um romance em que o aspecto político e o privado se unem em uma mistura fascinante, pois, em Soljenítsin, o câncer se torna a *grande metáfora* crítico-ideológica de uma sociedade totalitária.

O mundo da sociedade socialista no lado de fora – o mundo da clínica no lado de dentro: as relações deveriam, de certa forma, ficar óbvias para o leitor. A pessoa que entra no mundo hospitalar deixa para trás todas as oposições de classe; a doença transforma todos em parceiros de sofrimento. Mas até que se chegue a este ponto, trava-se, nesta sociedade interna, uma luta constante dos que sabem contra os que não sabem, dos poderosos contra os impotentes. O corpo médico simboliza a classe dos funcionários privilegiados. Com seu conhecimento dominante, ele pode exercer poder sobre os pacientes. E esta classe dos funcionários do partido é como um abscesso canceroso no organismo da sociedade: ingovernável em suas excrescências, desenfreado em suas metástases sempre novas. Por isso, o câncer se presta congenialmente à crítica radical de todas as ideologias que aceleram a decadência de organismos por estarem interessadas em sua autopetuação.

No romance, Pavel Nikolayevitch Rusanov representa a casta dos funcionários. Ninguém acredita tanto como ele na eternidade da ideologia stalinista-comunista, na possibilidade de dominar a ordem, no sentido e na utilidade de sua existência para a sociedade e o partido. E justamente sobre esta pessoa se diz: “Ele não conseguia dormir, seu tumor pesava... Sua vida, tão bem constituída, harmoniosa e objetiva... estava desmoronando”.

Mas, ao mesmo tempo, encontramos cenas muito íntimas no romance de Soljenítsin. Elas mostram de modo comovente que a doença torna os seres humanos *positivamente* capazes: capazes de uma coragem antes desconhecida e de uma sensibilidade inaudita. Neste sentido, nenhuma cena é mais tocante do que aquela que se passa entre Dyoma, de 16 anos, e Asya, da mesma idade. Ele, Dyoma, era o tipo do jovem inocente, curioso, disposto a aprender e confiante no futuro; ela, Asya, era uma ingênua entusiasta da felicidade que só pensava no amor, em sua aparência e nas férias. E justamente este jovem que acreditava no mundo e esta jovem apaixonada pela felicidade se encontraram no mundo do pavilhão dos cancerosos. Ele precisava abrir mão de uma perna infestada pelo câncer; ela, de um seio.

Quando Asya ficou sabendo o que ia perder, ela entrou, meio louca de medo, no quarto de Dyoma:

Quem quer uma moça que só tem um seio? Quem quer uma moça aleijada? E com 17 anos! – gritou-lhe como se ele fosse o culpado.

Dyoma não sabia mais o que dizer para a consolar.

– Como irei à praia? – gritou, ao ocorrer-lhe a idéia. – À praia! Como poderei nadar? – seu corpo contorceu-se, depois dobrou-se. A cabeça comprimida entre as mãos, escoregou do travesseiro até o assoalho. [...]

– Ouça, Dyoma! – uma idéia se apossara de Asya. Levantando-se, fitou-o com firmeza, olhos bem abertos, sem lágrimas. – Ouça, você será o último. Você será o último a vê-lo, a beijá-lo. Ninguém a não ser você o beijará! Dyoma, pelo menos você deve beijá-lo, pelo menos você! [...]

– Você não esquecerá?... Você lembrará? Lembrará como é agora?

As lágrimas de Asya continuaram a cair sobre os cabelos curtos do rapaz.

Ela não se afastava, e Dyoma insistia naquele fulgor rosado, beijando de leve, sem parar, fazendo o que o filho de Asya, no futuro, jamais poderia fazer. Ninguém os interrompeu. E ele continuou beijando aquela maravilha pendente sobre seu rosto.

Maravilha hoje. Amanhã seria jogado no lixo<sup>10</sup>.

Nenhuma outra cena do romance condensa de tal forma a dupla face da experiência da doença como experiência do corpo: ao encanto do primeiro contato erótico entre homem e mulher se misturam as lágrimas dos doentes e o medo do futuro. Sobre a primeira vez paira a melancolia da última vez. Ao ritual da reverência (“Beije-o”) se sobrepõe à perspectiva da morte; ao calor do primeiro beijo, à frieza da destruição. Esta cena me é cara. Ela documenta o que autores e autoras podem mostrar com histórias de doentes:

- ♦ Iván Ilitch Golóvin: Tolstoi escreveu sua história sobre um doente como história de esclarecimento e desilusão por causa de uma vida fracassada, não vivida.
- ♦ Rosalie von Tümmler: Thomas Mann transformou sua história sobre uma doente em uma história de graça e felicidade.
- ♦ Pavel Nicolayevitch Rusanov: Soljenítsin tornou sua história sobre um doente inicialmente de crítica impiedosa de uma sociedade que ameaça perecer por causa de suas metástases. O poderoso e autoconfiante funcionário do partido é mostrado em seu alquebramento.
- ♦ Asya e Dyoma: os pequenos e menosprezados são apresentados em sua grandeza. Com eles, Soljenítsin de-

10 SOLJENÍTSIN, Alexandre. *Pavilhão de cancerosos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1975. p. 502s.

monstra de forma impressionante que a sensibilidade, ternura e compaixão podem crescer na esfera do medo.

## 5 O animal agonizante, de Philip Roth (2001)

Pelo visto, ambas as coisas andam juntas nos grandes textos da literatura universal: a confrontação com o organismo social e o organismo do próprio corpo, a análise aguda do sistema e a experiência diferenciada da intimidade, a inexorável exposição de deslumbramentos sociais e a capacidade humana para perceber a verdade em veracidade. Um dos mais importantes autores da literatura americana da atualidade, Philip Roth, consegue mostrar justamente esta conexão em termos literários. Em 2001, foi publicado seu livro *O animal agonizante*, quando Roth há muito tempo já se firmara como escritor ao lado de John Updike, Saul Bellow e Bernhard Malamud.

O livro tem a forma de um diálogo, sem citar o interlocutor. Alguém é interpelado, mas permanece anônimo. Trata-se de um artifício narrativo deliberadamente calculado. É como se nós leitores fôssemos a instância, é como se o narrador pensasse em nós quando fala diretamente a alguém: “Você pode imaginar o que é a velhice? É claro que não. Eu não podia. Nunca consegui. [...] Observar a decadência do próprio corpo de um ponto de vista externo (para quem tem a sorte que eu tive) permite que a gente se sinta, graças à vitalidade que continua a ter, a uma distância razoável dessa decadência”<sup>11</sup>.

Há oito anos, aconteceu aquilo do qual o narrador presta contas. Seu nome é David Kepesh, um envelhecido professor de literatura e renomado crítico cultural e literário. Há oito anos, ele conheceu uma estudante de origem cubana, Consuela Cordillio. Ele foi dominado pela magia erótica dessa mulher, por seu “corpo lindo”, pelos “seios mais magníficos que jamais vi”. Não sem orgulho, Kepesh conta que ele como “homem velho” conseguiu manter um relacionamento íntimo com uma estudante tão atraente. Orgulho da própria potência, fantasia masculina, experiências-chave de uma sociedade permissiva de prazer e diversão, vividos por um homem que tinha sido casado uma vez, mas abandonara, na década de 1960, a mulher e o filho na esteira da revolução sexual: ele queria vivenciar a “emancipação masculina”. Nunca mais queria “voltar para dentro da gaiola”. Ele tinha experimentado os mais diferentes relacionamentos com mulheres. Passara sem problemas de uma para outra. Termo-chave: “hedonismo harmônico”!

Então apareceu Consuela. O que ele nunca experimentara antes aconteceu agora: ficou totalmente à mercê de uma mu-

---

11 ROTH, Philip. *The Dying Animal* (2001). Ed. bras.: *O animal agonizante*. Trad. de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 35s.

lher, não conseguia se libertar dela. O que começara como uma renovada experiência de liberdade erótica se tornou loucura, obsessão. Ele fez experiências profundamente ambivalentes no relacionamento com esta mulher: vivências sexuais superlativas e, ao mesmo tempo, obsessões sexuais, ser dominado por esta mulher e estar preso a ela, gozo da liberdade e tormento da dependência, mania e ciúme, êxtases de realização e temores de abandono: “É o sexo que perturba nossas vidas naturalmente ordenadas”, resume Kepesh de repente. “Sei disso melhor do que qualquer um. Todas as vaidades, sem exceção, voltam para zombar de você. Leia o *Don Juan* de Byron. Mas o que é que você faz se você está com 62 anos e acha que nunca mais vai conseguir se apossar de uma coisa tão perfeita?”

O relacionamento tinha durado um ano e meio, e então acabado. Durante anos tinham ficado sem notícias um do outro. Mas durante anos Kepesh saíra de uma depressão para entrar em outra. Tampouco novos relacionamentos com mulheres conseguiam amenizar a dor da separação. “Hedonismo harmônico”? Isso não era mais com ele agora. Então Consuela tornou a entrar em sua vida, que estava justamente voltando a ficar mais tranquila. Em uma noite de ano novo, ela apareceu na casa dele, eroticamente ainda mais atraente do que antes, mas, estranhamente, não tirou de sua cabeça uma espécie de barrete. Consuela se encontrava em meio a um tratamento quimioterápico. Diagnóstico: câncer de mama. Justamente na mulher com os “seios mais magníficos que jamais vi”, o fetiche da sociedade ocidental de consumo e diversão.

O que seguiu? Seguiu um ritual melancólico de despedida entre ambos – mas agora sob outras condições. As dependências se inverteram. Se outrora ele estava à mercê dela, se sofria muito quando ela se subtraía, agora é ela que precisava dele. Uma mutilação dos seios a esperava. Inicialmente ela precisava de Kepesh para ser reafirmada mais uma vez por ele. De todos os seus amantes, ele era quem mais tinha admirado o corpo dela. Todos os outros homens tinham se servido de seu corpo, e só ele o tinha amado. Portanto, ela lhe pediu que tocasse mais uma vez este seu corpo, que o apalpasse, e até que o registrasse em fotografias, em uma tentativa inútil de cativar a beleza. Agora ela não precisava mais dele como parceiro sexual, mas como parceiro que lhe desse amparo. O novo papel lhe causou dificuldade, pois o relacionamento com ela no passado só tivera o caráter de prazer e autoafirmação para ele. Quando, na mesma noite, readquiriu a confiança nele, ela tirou o chapéu diante dele:

O tempo todo ela estava com aquela espécie de barrete, mesmo quando estava nua, quando eu fotografava seus seios. Mas agora ela tirou o chapéu. Num assomo de loucura de réveillon, jogou longe aquele chapéu de réveillon. [...] a mortalidade de Consuela totalmente exposta.

O horror. Lá estava ele. Todo o horror naquela cabeça. A cabeça de Consuela. Beijei-a e beijei-a. Que mais eu podia fazer? O veneno da quimioterapia. Tudo que ele fizera em seu corpo. Tudo que fizera em sua cabeça. Trinta e dois anos de idade, e acha que está exilada de tudo, vivendo cada coisa pela última vez. Mas e se não for verdade? E se...<sup>12</sup>

Os contrastes de passado e presente não poderiam ser mais fortes. Eles constituem a tensão do texto, encenada em forma de choque. A cabeça calva por causa da quimioterapia da mulher outrora eroticamente atraente se torna símbolo da mortalidade que solapa as ilusões de uma existência de mero prazer e diversão. À avidez do passado se mistura de repente o pavor. De forma análoga, parece difícil a passagem do sexo para a solicitude, do prazer compartilhado para a compaixão, da cópula para o amparo. O herói de Roth tem de compreender que a experiência básica de homem e mulher não são mais o erotismo e o sexo, mas é a mortalidade comum. E agora? Ainda na última página e meia desta narrativa, Roth deixa evidente toda a irritação, indecisão e até desamparo de seu não-herói. Amo este livro exatamente por causa deste fim: por causa da perturbação da autoconfiança e do desamparo de quem acha que sabe. Não nos é oferecida uma solução fácil, nenhuma moral é imposta, nenhuma mensagem é transmitida de forma crassa. No fim, restam perguntas. Elas nos atingem profundamente como leitores. Ele, Kepesh, não deveria se preocupar com esta mulher? Ela não quer que ele fique com ela? Mas isso não traria uma nova dependência? Novos tormentos? Novas obsessões? Nas últimas linhas deste romance, Kepesh esclarece o seguinte à instância fictícia:

Tenho que ir. Ela me quer lá. Ela quer que eu durma na cama dela, com ela. Ela passou o dia todo sem comer. Ela precisa comer. Alguém tem que dar comida a ela. E você? Pode ficar se quiser. Se quiser ficar, se quiser ir embora... Olha, eu não tenho tempo, tenho que correr!  
“Não.”  
O quê?  
“Não vá.”  
Mas eu preciso. Alguém tem que ficar com ela.  
“Ela vai encontrar alguém.”  
Ela está apavorada. Eu vou.  
“Pensa bem. Pensa. Porque se você for, pra você é o fim”<sup>13</sup>.

---

12 Ibid., p. 126s.

13 Ibid., p. 127.

## 6 O modo de lidar com doenças

Iván Ilitch Golóvin, Rosalie von Tümmler, Pavel Nikolayevitch Rusanov, Asya e Dyoma, David Kepesh: os personagens no reino das sombras da literatura são para nós espelhos de nossos medos e esperanças. Depois de tudo isso, ainda é preciso fundamentar longamente por que nós contemporâneos necessitamos da literatura como alimento para o espírito, quase como necessitamos do pão de cada dia? Onde a literatura é mais do que entretenimento, ela é o melhor instrumento para o autoesclarecimento do ser humano, principalmente quanto às imagens falsas de si mesmo e de outras pessoas. Ela é a forma menos importuna e, ao mesmo tempo, mais intensiva de ver em que nos transformamos ao fazermos isso. Vivenciamos mentalmente o pior caso possível. Poderíamos nos tornar mais sensíveis para as crises, menos obtusos para camadas profundas da alma, dispostos para um novo cuidado.

Doenças são experiências de *incisão*, quer a arte médica as domine, quer não. Elas arrancam o ser humano da vida, muitas vezes, vivida vertiginosamente. Elas desaceleram. Podem criar distância de si mesmo. O costumeiro é interrompido, o óbvio é anulado. De repente há algo estranho em mim. Isso gera medo. Mas a partir do tema da doença, os grandes textos, desde Leo Tolstói até Philip Roth, desenvolvem o tema da humanidade do ser humano.

O que coloca à prova esta humanidade não é a academia de ginástica, o *spa* e o programa de bem-estar. A literatura coloca no centro justamente aquilo que o espírito da época deixa de lado e recalca. Ao *Homo aestheticus* e ao *Homo oeconomicus* se contrapõe a imagem do *Homo patiens*: a imagem do ser humano carente, frágil, com o tempo de sua vida contado, seja médico ou paciente. O que coloca à prova a humanidade é o diagnóstico inexorável do médico, o leito do doente, a mesa de operação, o quarto do pós-operatório: estes são lugares de nossa *conditio humana*, que mostram a nós seres humanos em nossa carência e dependência. Mostram-nos em um estado que nos é embaraçoso no dia-a-dia. O que não fazemos para nunca ficarmos assim? Medo do medo.

Do levantamento literário tiro a seguinte consequência: para quem a doença é mais do que uma momentânea perturbação incômoda do cotidiano, para quem o médico é mais do que um ágil reparador de anomalias de um organismo que de resto funciona bem, para quem o hospital é mais do que uma espécie de oficina para o restabelecimento da eficiência social e econômica, para esta pessoa, a literatura é uma aliada que compreende a experiência da doença como uma oportunidade para uma revisão da vida e uma possível renovação da vida. Processos de aprendizagem se tornam possíveis, ou podem se tornar possí-

veis. A verdadeira grandeza do ser humano é sua capacidade de lidar sensivelmente com sua vulnerabilidade. Interrupções da vida podem resultar em balanços da vida, orientados por perguntas a respeito do sentido e valor da vida vivida até agora.

## TEMAS DOS CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert  
*O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo* – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montañó
- N. 04 *Ermani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro.
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Klipp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Kruschke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra Bavareesco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay - Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airon Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho.
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott.
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (ant)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva & Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado mineiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu.
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud

- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Élda Azevedo Hennington & Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Prof. Dr. Thomas Kesselring
- N. 53 *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 54 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 55 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Prof. Dra. An Vranckx
- N. 56 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 57 *O decrescimento como condição de uma sociedade convívial* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 58 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 59 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Henderson
- N. 60 *Globalização – mas como?* – Prof. Dra. Karen Gloy
- N. 61 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 62 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Verissimo* – Prof. Dra. Regina Zilberman
- N. 63 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 64 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Addressa da Silva
- N. 65 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 66 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Prof. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 67 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Prof. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 68 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 69 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 70 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 71 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 72 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Prof. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 73 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Prof. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 74 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 75 *Raça, nação e classe na historiografia de Moisés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 76 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 77 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Prof. Dra. Ana Maria Lugão Rios
- N. 78 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 79 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 80 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 81 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Prof. Dr. Arno Alvarez Kern
- N. 82 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Prof. Dra. Gláucia de Souza
- N. 83 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a idéia de “sindicalismo populista” em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 84 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton & Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 85 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 86 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Prof. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 87 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 88 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Prof. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 89 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 90 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 91 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Prof. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – MS Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Prof. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valerio Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Prof. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha



**Karl-Josef Kuschel** nasceu em Oberhausen, Alemanha. Formado em Teologia pela Universidade de Tübingen entre os anos de 1967-1972. Doutor honoris causa pela Universidade de Lund, Suécia. Leciona Teologia da Cultura e do Diálogo Inter-religioso na Faculdade de Teologia Católica de Tübingen. É vice-presidente da Fundação Weltethos [Ética Mundial].

### Algumas publicações do autor:

\_\_\_\_\_. Gottes grausamer Spass? Heinrich Heines Leben mit der Katastrophe [Gracejo tétrico de Deus? A vida de Heinrich Heine com a catástrofe], Düsseldorf, 2002.

\_\_\_\_\_. Stre it um Abraham. Was Juden, Christen und Muslime trennt und was sie eint [Conflito sobre Abraão. O que separa judeus, cristãos e muçulmanos – e o que os une], Düsseldorf, 2001 – Edição em espanhol: Discordia en la casa de Abraham.

\_\_\_\_\_. Jesus im Spiegel der Weltliteratur. Eine Jahrhundertbilanz in Texten und Einführungen [Imagens de Jesus na literatura mundial. Textos e informações introdutórias para um século em perspectiva], Düsseldorf, 1999.

\_\_\_\_\_. Lo que separa y lo que une a judíos, cristianos y musulmanes. Estella (Navarra): Verbo divino, 1996.

- 
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montañó
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques & Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral & Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascuado: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima